



LIBRAS NA PRÁTICA DOCENTE: UMA INICIATIVA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM SALA DE AULA

Elton Monteiro Marinho¹ • Letícia Bianca da Silva² • Maria Luzia da Silva Melo³ • Stephanny da Silva Ferreira⁴

Eixo 5 – Formação de Professores

Resumo: A presente oficina busca promover um momento formativo voltado para a promoção da inclusão por meio da comunicação entre professores ouvintes e alunos surdos. Para isso, a proposta aborda sinais básicos de Libras, com foco em expressões do cotidiano, saudações e vocabulário da matemática, além de destacar a importância dos recursos visuais nos processos de ensino-aprendizagem presentes dentro e fora da sala de aula. A metodologia combina momentos expositivos com atividades práticas e interativas, como o telefone sem fio em Libras, a brincadeira das expressões faciais e o bingo dos sinais. Estas etapas de desenvolvimento proporcionam uma vivência concreta da Libras, aproximando os participantes da realidade educacional dos alunos surdos. A oficina também apresenta elementos históricos e culturais da comunidade surda, promovendo reflexões sobre identidade, respeito e direitos linguísticos. Almeja-se, com isso, despertar empatia, consciência crítica e interesse na continuidade do aprendizado da Libras. A proposta contribui diretamente para práticas mais acessíveis e humanas na Educação Matemática e no contexto escolar como um todo.

Palavras-chave: Inclusão. Libras. Comunicação. Surdez. Professor.

1 Introdução

A presente oficina trata da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e de como ela pode favorecer a relação entre professor e aluno no ambiente escolar. O trabalho foi motivado pelas vivências dos autores nas disciplinas de Libras I e II, ofertadas no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste. A partir dessas experiências, associadas ao estágio da disciplina de Libras II, foi possível compreender aspectos da língua, da realidade da comunidade surda na sociedade e do papel do professor no processo de inclusão.

Nesse contexto, o objetivo central deste trabalho é compartilhar conhecimentos que contribuam para o aprimoramento das habilidades de comunicação entre professores ouvintes e estudantes surdos por meio da Libras, favorecendo a interação e a aprendizagem em sala de aula. Assim, tem-se como público-alvo estudantes de

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Graduando • Caruaru, Pernambuco (PE), Brasil • elton.marinho@ufpe.br • ORCID 0009-0005-3092-7151

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Graduanda • Caruaru, Pernambuco (PE), Brasil • leticia.bianca@ufpe.br • ORCID 0009-0004-7954-332X

³ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Graduanda • Caruaru, Pernambuco (PE), Brasil • maria.luzia@ufpe.br • ORCID 0009-0007-4104-0550

⁴ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Graduanda • Caruaru, Pernambuco (PE), Brasil • stephanny.silva@ufpe.br • ORCID 0009-0007-8272-1061





licenciatura e professores da educação básica, especialmente da área de Matemática. Para alcançar tal finalidade, foram definidos como objetivos específicos: ensinar sinais básicos de matemática, de situações cotidianas e de saudações; destacar a importância da inclusão do aluno surdo; e conscientizar os participantes sobre o uso de recursos visuais como apoio didático.

Com base nesses propósitos, e visando cumpri-los, o trabalho está estruturado em seis seções. A primeira apresenta a contextualização, as motivações e os objetivos da proposta; a segunda discute a Libras, a comunidade surda e sua relação com o espaço escolar; a terceira descreve a metodologia da oficina; a quarta expõe os recursos didáticos utilizados; a quinta aborda as contribuições da oficina para a Educação Matemática; e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 Interlocuções entre a Libras, a comunidade surda e a escola: uma questão necessária

A Libras, contrariando a crença popular, não é uma linguagem, gesto ou mímica, mas a língua brasileira de sinais. A respeito dela, Gesser (2009, p. 27) diz que: “[...] é língua porque apresenta características presentes em outras línguas naturais e, essencialmente, porque é humana”. Dessa forma, torna-se inviável discorrer sobre a Libras sem mencionar seus usuários, neste caso, a comunidade surda brasileira, que representa cerca de 5,10% da população, ou seja, aproximadamente 9,6 milhões de pessoas, de acordo com o Censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE (Brasil, 2012).

No Brasil, a história dessa comunidade é marcada por uma constante luta e resistência, principalmente quando se refere ao direito linguístico, algo essencial que não é motivo de preocupação para os ouvintes. Porém, segundo Quadros e Paterno (2006) durante muitos anos, os surdos brasileiros lutaram pelo direito de poder utilizar a Libras. Um marco importante foi o surgimento do Decreto nº 5.626 em 22 de dezembro de 2005 que “prevê várias ações com o objetivo de promover a inclusão social, enquanto política linguística, reconhecendo a LIBRAS como língua dos surdos brasileiros” (Ibid., p.26).

Entendendo a inclusão a partir do ponto de vista de Freire (2008, p. 5) como um movimento educacional, social e político que defende o direito de todos os indivíduos serem aceitos e respeitados em suas diferenças, participando da sociedade que estão inseridos de uma forma consciente e responsável. Nota-se que, apesar do decreto ter sido





um avanço e uma contribuição para difusão da Libras, não foi suficiente para garantir uma inclusão plena nas esferas da sociedade, mesmo no contexto escolar. Dessa forma, “[...] mudanças de tal magnitude e extensão não são alcançadas pela instauração de uma lei, [...] pois, para que a inclusão se concretize, faz-se necessária uma mudança ideológica na sociedade, o que se reverterá em uma mudança no sistema educacional” (Sampaio; Sampaio, 2009, p. 42).

Um passo importante é reconhecer o surdo não como o “deficiente auditivo”, resumindo-o apenas no humano que não escuta, mas deve-se entendê-lo como um indivíduo multicultural que possui identidade própria. Acerca das culturas surdas ou da cultura surda, Quadros (2004, p.10) afirma que:

A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes.

Ou seja, a característica de não escutar totalmente ou parcialmente, não o define enquanto humano, mas influencia o modo como se relaciona com o mundo e com os outros.

O conhecimento acerca das informações apresentadas mostra-se relevante tanto na prática docente, quanto na formação. A disciplina de Libras, que aborda todos esses assuntos, de acordo com Albuquerque, Rodrigues e Rodriguez (2019, p. 232) “contribuiu para dar visibilidade ao sujeito surdo perante a sociedade, visto que foi a partir da experiência com a disciplina de Libras na graduação que os surdos passaram a “existir” para os alguns dos discentes dessa turma”. Reforçando novamente o que Sampaio e Sampaio (2009) alegaram sobre a inclusão e a mudança ideológica.

O professor dominando a língua do aluno, mesmo que em um nível mais básico, seria uma das muitas iniciativas para a inclusão, para Lacerda (2006, p. 177) a língua é uma questão essencial, porque sua ausência impossibilita as relações mais aprofundadas, não podendo dialogar sobre sentimentos, dúvidas, emoções de pontos de vista diferentes. Dessa forma, a comunicação entre estudante e docente vai além do papel educacional e profissional, ela é também profundamente humana. Principalmente, em uma sociedade “[...] onde a solidariedade, tolerância, aceitação e cooperação têm sido atitudes raras” (Sampaio; Sampaio, 2009, p.24).





O uso da Libras por parte dos docentes também é reforçado por Baiense, Machado e Silva (2023, p. 3), quando declaram que “[...] o acesso à cultura da língua de sinais por todos e principalmente pelo professor torna o aprendizado mais democrático e significativo. A língua de sinais possui papel de aproximação entre professor e aluno”. Ou seja, é interessante que o professor consiga estabelecer uma conexão com seu próprio estudante, independentemente, por meio da língua de sinais, mesmo que a presença de um intérprete seja garantida pelo artigo 22 do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Especialmente, porque a exclusão se faz presente em muitas instituições educacionais.

Os mesmos autores também reforçam que “para que o aluno surdo aprenda, ele precisa ser incluído nas práticas pedagógicas da sala de aula” (Ibidem). Dessa forma, entender as vivências, o modo como aprende é essencial para dar mais um passo para a inclusão: adaptar as aulas e atividades, visando uma melhor aprendizagem. Mencionando o que foi destacado anteriormente por Quadros (2004), os surdos possuem uma cultura visual. Ou seja, a forma de absorver as informações também decorre de uma experiência visual, por isso a importância do uso de recursos adequados, Batista, Kumada e Benitez (2023) trazem alguns exemplos: escrita papel, ilustrações, lousas, materiais manipuláveis, slides com ilustrações e textos, softwares e vídeos.

Baseando-se nessas ideias, observa-se como o uso da Libras e dos recursos visuais por parte dos professores contribuem para a inclusão e aprendizagem dos estudantes surdos. Propõe-se explorar as ideias expostas por meio das atividades que serão apresentadas a seguir.

3 Metodologia

Utiliza-se a metodologia expositiva e metodologias ativas para o cumprimento das atividades. A primeira será utilizada nos momentos explicativos em que iremos apresentar a fundamentação teórica, o contexto histórico da comunidade surda, os conceitos relacionados ao tema abordado. A outra será utilizada para as atividades práticas, onde teremos prática de vocabulário, sinalização, situações do cotidiano e expressões faciais.

Essas escolhas foram feitas para que a aprendizagem tenha mais chance de ser alcançada, já que “Os estudantes aprendem o que vivenciam.” (Morais, Rosa, Fernandez e Sena, p.98, 2018), escolhemos atividades e situações para que eles possam experienciar





a Libras e entender as dinâmicas possíveis da língua que podem ser utilizadas nas situações que virão a encontrar na jornada docente.

Quadro 1 - Atividades

Momentos	Atividade Realizada
1	Roda de conversa sobre as experiências com a Libras e alunos surdos
2	Explanação básica a respeito da Libras e o papel do professor
3	Apresentar o alfabeto em Libras e ensinar sinais básicos do cotidiano
4	<i>Atividade 1: Brincadeira da expressão</i> Os participantes receberão um papel que será sorteado, neste, estará escrito o nome de algum sentimento. Cada pessoa deverá expressar esse sentimento sem utilizar Libras, apenas através de expressões faciais, enquanto os outros participantes devem adivinhar qual sentimento está sendo interpretado
5	Apresentar alguns sinais básicos da matemática
6	<i>Atividade 2: Telefone sem fio</i> Os participantes irão se organizar em uma fila indiana de costas para o instrutor, em seguida o instrutor irá sinalizar uma frase somente para a primeira pessoa da fila. A frase deverá ser transmitida até o último da fila. O objetivo é que ao fim a mensagem seja transmitida igual a frase sinalizada inicialmente pelo instrutor
7	Apresentar sinais básicos voltados para o ambiente escolar
8	<i>Atividade 3: Bingo</i> Cada participante receberá uma cartela que irá conter 16 palavras. Em seguida, iremos sortear um número na roleta, o número obtido será correspondente a uma palavra que foi ensinada durante a oficina. O instrutor fará o sinal desta palavra sorteada e cabe ao participante entender o sinal e marcá-la se estiver presente na cartela. Quem completar cartela primeiro, vence
9	<i>Conclusão:</i> Ao fim da oficina, ocorrerá uma conversa em relação ao momento vivenciado e disponibilizaremos um glossário dos sinais aprendidos para uso posterior dos participantes





Fonte: Os autores

Esta oficina não exige, necessariamente, conhecimento prévio em Libras, mas é interessante que os participantes já possuam alguma vivência com a temática para que a aprendizagem seja mais efetiva. Os participantes deverão trazer apenas 1 material de escrita para marcação da cartela. Por exemplo: lápis, caneta, marca texto etc.

4 Recursos didáticos

Durante a oficina, utilizaremos:

1. *Datashow com slides prontos* – para a apresentação dos conteúdos de forma visual e acessível;
2. *Cartelas do bingo* – para o bingo;
3. *Marcadores ou canetas* – usados pelos participantes nas cartelas de bingo e em possíveis anotações;
4. *Papéis* – para a “brincadeira da expressão”;
5. *Quadro branco e pincel* – para possíveis anotações ao longo da oficina.

5 Contribuições para a Educação Matemática

A oficina contribui de forma significativa para a educação matemática ao promover práticas inclusivas que favorecem a comunicação entre professores ouvintes e alunos surdos. Ao ensinar sinais básicos ligados ao cotidiano escolar e a matemática, a atividade amplia o acesso ao conteúdo, tornando-o mais acessível. A valorização da comunicação visual, presente tanto na Libras quanto na matemática, permite que os participantes compreendam a importância de recursos visuais no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a oficina estimula reflexões sobre a língua como ferramenta para inclusão e evidencia a necessidade de adaptar estratégias pedagógicas às diferentes formas de aprender. Ela também promove empatia, respeito às diferenças e consciência sobre o papel social do educador, reforçando que ensinar matemática vai além dos números pois, é também incluir, acolher e garantir direitos. Dessa forma, a experiência contribui para uma formação docente mais comprometida com a equidade na educação.

6 Considerações Finais

Ao final da oficina espera-se que os objetivos da própria tenham sido alcançados e que os envolvidos possam refletir sobre a postura pedagógica do professor diante da diversidade. Espera-se que os participantes saiam dessa experiência conscientes de seu papel na construção de uma escola inclusiva, mais preparados para interagir com alunos surdos e motivados a continuar aprendendo sobre Libras e inclusão educacional. Por fim,





acreditamos que essa oficina tenha plantado sementes: o desejo de aprofundar os conhecimentos em Libras, a empatia em relação aos desafios enfrentados pela comunidade surda e o compromisso com uma educação mais justa e acessível. Sabendo que a inclusão plena não se faz em um dia, mas cada ação como essa é um passo importante na direção de uma escola verdadeiramente democrática e acolhedora para todos.

Referências

ALBUQUERQUE, T. R.; RODRIGUES, K. C.; RODRIGUEZ, E. A. V. Libras na formação de professores: o vídeo como ferramenta de avaliação da aprendizagem. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 217-245, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9426>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BAIENSE, J. K. R; MACHADO, L. M. C. V; SILVA, R. M. A importância da formação docente para a Educação de Surdos nos ambientes educacionais. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 20, 30 mai.2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/20/a-importancia-da-formacao-docente-para-a-educacao-de-surdos-nos-ambientes-educacionais>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BATISTA, L. S; KUMADA, K. M. O; BENITEZ, P. Levantamento de produções científicas sobre o uso de recursos visuais no ensino de matemática para alunos surdos. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v. 19, n. 1, p. e0042, 2023. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/20093>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/91361-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 19 jul. 2025.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão, *Revista da Educação*, v. 16, n. 1, p. 5-20. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20inclus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, mai./ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/>. Acesso em: 18 jul. 2025.





QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

QUADROS, R. M.; PATERNO, U. Políticas linguísticas: o impacto do decreto 5.626 para os surdos brasileiros. *Revista Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 25/26, p. 12-18, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1052>. Acesso em: 18 jul. 2025

SAMPAIO, C. T.; SAMPAIO, S. M. R. *Educação inclusiva: o professor mediando para a vida*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ufba/586>. Acesso em: 18 jul. 2025.

SILVA, M. G.; MUNIZ, F. J. A.; ARAÚJO, R. V. S.; JÓFILI, Z. M. S.; SOUZA, T. J. N. Concepções sobre metodologias ativas entre professores da educação básica. *Revista Educat*, Recife, v. 1, n. 1, p. 59-69, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/educat>. Acesso em: 20 jul. 2025.

